



**Proteu Adormecido:
A produção de sentidos históricos nas relações entre História e Mídia -
(Brasil: 1964 - 2004)¹**

Autora: Sônia Maria de Meneses Silva²

Orientadora: Ana Maria Mauad Essus³

Resumo: Nesta pesquisa se pretende investigar a produção de conceitos e narrativas históricas a partir das relações entre história e mídia na segunda metade do século XX; analisando como a mídia jornalística efetiva fundadores de sentido histórico a partir de sua produção alterando regimes de historicidade em nosso tempo. Nesse caso interessa-nos também buscar compreender a construção do acontecimento midiático, bem como, suas relações e diferenças com o acontecimento histórico colocando em relevo como se articulam categorias de verdade, ficção e fato.

Palavras Chaves: História, Mídia, Narrativa, Sentido.

Segundo a mitologia grega, foi dada a Proteu a possibilidade de ver o passado, o presente e o futuro. Dádiva e maldição, Proteu carregava consigo a difícil sina de vislumbrar aquilo que todos buscavam conhecer: o entrelaçamento complexo dos acontecimentos humanos no tempo; o sentido da história. Atormentado, Proteu se escondia sob mil formas fazendo com que, dificilmente, alguém conseguisse tirar dele as respostas que buscava a não ser, em raros momentos quando adormecia.

Nossa pesquisa pretende investigar como se elaboram, na sociedade brasileira, formas de compreensão históricas influenciadas e articuladas pelos meios de comunicação. Tal questão nos parece capital, uma vez que a circulação e a produção de conhecimento efetivada pelos recursos midiáticos parecem ter alterado relações quase seculares do homem com o tempo. Para começarmos a pensar sobre tais elementos, tomemos como ponto de partida a citação abaixo, do historiador Eric Hobsbawm:

“Para este autor, o dia 30 de janeiro de 1933 não é simplesmente a data, à parte isso arbitrária, em que Hitler se tornou chanceler da Alemanha, mas também uma tarde de inverno em Berlim, quando um jovem de quinze anos e sua irmã mais nova voltavam para casa, em Halensee, de suas escolas vizinhas em

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Mestre em História Social pela UFRJ, Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri-URCA. Atualmente cursa doutorado em História Social da Universidade Federal Fluminense –UFF.

³ Professora Adjunta do departamento de História da Universidade Federal Fluminense-UFF



Wilmersdorf, e em algum ponto do trajeto viram a manchete. Ainda posso vê-la, como num sonho.”⁴

Esta lembrança evocada por Hobsbawm, no início do livro **A Era dos Extremos**, evidencia elementos bastante representativos sobre a constituição da História no século XX. Ao nos referimos à História, compreendemo-la como um complexo arcabouço cultural humano segundo o qual ordenamos uma série de narrativas e explicações sobre o mundo, dentre as quais a história científica se constitui uma delas. Nesse sentido, vislumbramos nessa breve citação, alguns pontos que serão fundamentais para a proposta que apresentaremos. Primeiro, referencia um acontecimento considerado limite para muitos historiadores no século XX: a ascensão de Hitler ao poder e, apesar de não citado, remete-nos também ao posterior Holocausto nazista, evento que colocou na berlinda muitas reflexões sobre os fatos históricos nesse século. Segundo, demonstra-nos o olhar retrospectivo do historiador sobre o evento citado estabelecendo uma linha temporal que articula o passado “re-presentado” ou reapresentado no presente através da memória, exercício que articula informações afetivas e pessoais .

No primeiro e no segundo caso, destacam-se dois importantes aspectos daquilo que Rüsen⁵ define como consciência histórica: um que se estabelece em uma narrativa claramente ligada aos lineamentos conceituais e teóricos do historiador e o outro assentado na experiência, na memória. Embora, possam se constituir em narrativas diferenciadas, é provável que possamos compreendê-las como “operações elementares e gerais da consciência histórica humana” (idem). Entretanto, há ainda um último elemento componente da citação. O evento mencionado é “presenciado” pelo historiador mediado por um mecanismo midiático no momento de sua produção: a manchete de um jornal.

Nesse amálgama de referenciais se evidenciam questões capitais para a compreensão do sentido histórico e, conseqüentemente, da escrita da história no século XX. Sobretudo, a partir dos anos 50, quando parece emergir um novo regime de historicidade⁶. Esta constatação inicial impõe o desafio de refletirmos sobre os

⁴ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 14

⁵ RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001.

⁶ Cf. hARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.



elementos fundantes da consciência histórica contemporânea, assim como, de uma provável estruturação de novas práticas de ritualização da memória e do esquecimento, como afirma Catroga⁷, “talvez se esteja a assistir (...) ao aparecimento, ainda que pouco perceptível, de novos ritos e de novas formas de socialização da memória.” Portanto, pretendemos problematizar essa produção, experiencial e intelectual, na intercessão entre História e Mídia investigando conceitos que transitam no instável espaço desses campos a exemplo de memória, acontecimento, fato, verdade e ficção. Nesse contexto de contradições entre narrativas tão díspares, questiona-se como a História, disciplina e prática humana, é construída nos meios midiáticos e compreendida por eles, vejamos uma pequena citação extraída da Folha On line em comemoração aos seus 80 anos:

“Há quem defenda, com razão, que jornais diários são mais perecíveis do que o leite matinal. No entanto mesmo os jornais às vezes superam o efêmero e oferecem reportagens que, por alterar o presente de maneira decisiva, acabam merecendo lembranças futuras”. (FOLHA 80 ANOS in **Folha On Line**)

Se os *mass medias* se vêem como tal, isso nos remete a uma pergunta capital feita pelo historiador Michael de Certeau: “o que fabrica o historiador quando faz História?” Pergunta complexa e de difícil resposta. Para respondê-la, o autor nos demonstrou que toda obra historiográfica deve ser percebida a partir de um lugar de produção. A partir de um conjunto de conformações sociais, que vão desde a institucionalização do campo da história às corriqueiras inquietações e problemáticas questões com as quais o historiador se depara em seu trabalho com os registros históricos. A produção historiográfica se estabelece nas “relações entre as construções da história e seu face a face, a saber, um passado ao mesmo tempo abolido e preservado em seus rastros”.⁸

Necessário ressaltar que esse rastro do passado só se torna fonte a partir do momento em que o historiador o interroga e questiona, tanto em seu conteúdo como em seus elementos formadores de sentido. Se a produção historiográfica deve ser percebida a partir de um jogo complexo de conjunções e conformações que modelam e submetem o texto, a produção midiática também.

Entretanto, o universo de investigação que se nos apresenta é por demais plural e complexo. Constatação comprovada pela espantosa produção midiática contemporânea. Diante disso, faz-se necessário estabelecer um recorte de atuação.

⁷ CATROGA, Fernando. Memória e História in Pesavento, Sandra Jatahy. Fronteira do Milênio. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001. p.66

⁸ Ricoeur, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo III, São Paulo: Papyrus Editora, 1997. p.175.



Embora tenha havido uma surpreendente ampliação desses recursos ao longo do século XX, (audiovisuais, iconográficos, virtuais, etc.) a mídia escrita preservou um papel central de atuação, inclusive em suas formas de distribuição que não se limitaram ao meio impresso.

Nesse sentido, optamos trabalhar com um jornal: A Folha de São Paulo, que será percebido aqui como objeto cultural que evidencia narrativas e formas de representação específicas acerca do mundo e da história. Enquanto tal, longe de ser tomado como elemento generalizador é visto como tendo um lugar de produção social que o insere em um dado contexto. Entretanto, embora não desconsideremos suas injunções sociais e ideológicas, suas narrativas nos darão indícios sobre pensamento histórico na vida prática brasileira, nestes termos, nossa intenção é desvendar seus fundadores de sentido.

Aliado a tudo isso, na segunda metade do século XX, além de ocorrer a efetivação das grandes redes de comunicação no país, desenvolve-se também o momento de maior efervescência na produção historiográfica não somente em termos mundial como no Brasil, quando ocorre a profissionalização definitiva da História operada especialmente, com a organização dos cursos de pós-graduação intensificada nos anos 70, como argumentam Fico e Polito⁹: “Decerto que há produção importante fora das universidades. (...) Contudo, é nos cursos de pós-graduação que se verifica a maior constância de produção e significativa diversidade que possibilitam a visualização de tendências, permanências e ruptura”.

Ao lado dessa efervescência, segundo Bédarida¹⁰, a partir dos anos 70 houve um “retorno vigoroso da História e da Memória, uma busca ansiosa de identidade, a crise dos paradigmas das ciências sociais, enfim, um presente cheio de incertezas em relação a si mesmo.”

Entretanto, “o papel decisivo dos meios de comunicação na transcrição, na representação e até na produção do acontecimento”¹¹ recolocou antigos problemas que pareciam ter sido superados com a profusão do movimento dos Annales e das vigorosas questões colocadas à História no século XX, exemplo disso, como afirma Bédarida, foi a própria discussão entre objetividade e subjetividade na produção do conhecimento

⁹ Cf. in MALERBA, Jurandir. A Velha História. Teoria, Método e Historiografia. Campinas – São Paulo: Editora Papyrus, 1996, p. 190

¹⁰ Cf. Ferreira, Marieta. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p. 219

¹¹ Rioux, J.-P. Entre o Jornalismo e a História. in Questões para a História do tempo presente. São Paulo: Edusc, 1999, p.122



histórico. O autor reflete sobre a produção de uma nova abordagem histórica: o Tempo Presente.

Mas, é preciso termos clareza que a produção científica da História é, tão somente, uma parte da “formação histórica” de uma sociedade que deve ser compreendida enquanto um o conjunto de “todos os processos de aprendizagem em que a história é assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, à obtenção da competência profissional”¹². Existem, por conseguinte, diferentes narrativas que explicam e evidenciam formas de pensamento histórico que se manifestam em variados fenômenos de aprendizagem, desde o ensino formal até os meios de comunicação.

A ação dos meios de comunicação, nas últimas décadas do século XX, influenciou poderosamente nossas maneiras de apropriação e percepção do real. Demonstrou-nos que há uma produção de conhecimento histórico fora do próprio campo científico da História e que parece influenciá-lo de maneira desconcertante. Este evento acabou sendo capital para a mudança de perspectivas que as pessoas tinham e passaram a ter em sua relação com o tempo e na suas maneiras de pensar historicamente seu cotidiano.

O olhar sobre nossa historicidade se modificou assim como os significados dos acontecimentos, antes sequer conhecidos por uma coletividade mais ampla. Talvez não seja exagero falarmos que atualmente vivemos sob o signo dos recursos midiáticos, e aqui levantamos uma primeira suspeita que estes ocupam lugar central na ordenação de uma consciência histórica contemporânea. A relevância que os acontecimentos passaram a assumir, vinculados a estes mecanismos, é bastante diferente daquela vislumbrada na sociedade oitocentista e pela própria escola metódica, para a qual o passado estava domado e o acontecimento morto.

Na atualidade, o acontecimento é quase um monstro indomável que se metamorfoseia sob olhares perplexos, lembrando o personagem criado por Kafka. Aquele monopólio institucional e meticuloso exercido sobre ele, pelos historiadores no século XIX, hoje parece estar repartido com a produção midiática. Nesse caso, talvez seja necessário perguntar até que ponto essa produção midiática-histórica se impõe ou não sobre a histórica-científica.

Ao irromperem em nosso cotidiano, os meios de comunicação nos apresentam uma procissão tão acelerada de eventos e informações que a percepção

¹² Rüsen, op cit. p. 48.



espaço-temporal passou a se manifestar fortemente ligada ao presente; ao aqui e agora. Aos nossos olhos, o passado parece ter se tornado cada vez mais efêmero, dando-nos a impressão que a articulação de uma tripla dimensão temporal presente nas filosofias da história em narrativas tradicionais foi alterada definitivamente. A procura pela novidade submeteu o presente e, conseqüentemente, o passado a uma contínua evanescência; a uma busca incessante pelo devir.

A noção de simultaneidade, antes só possível em espaços extremamente restritos, tomou proporções continentais. “O uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipo de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo.”¹³

Por outro lado, nunca se viu tão forte a necessidade do respaldo do discurso histórico como meio de argumentação e justificativa de idéias e ações. Revistas, jornais romances históricos, genealogia de família, documentários, surgem diariamente tentando alimentar uma sede de história que parece ter tomado conta da sociedade contemporânea. Nenhum outro momento talvez tenha tido um presente tão possuidor de sentido histórico como o nosso, já afirmava Pierre Nora, nos anos 70, ao discutir um provável retorno do fato na narrativa histórica. Na verdade, “a aceleração do tempo e a preocupação com a perda de sentido do passado e com aumento da capacidade de esquecer têm levado as sociedades contemporâneas a demonstrar grande interesse em recuperar a memória e também a história”¹⁴.

Segundo Ferreira (idem), estabeleceu-se, sob diversos aspectos, uma competição de formas de leitura do passado, tornando a memória mercadoria que “invade o cotidiano, mas na maioria das vezes apenas para satisfazer parcialmente uma demanda por identidade, e torna-se assim uma identidade domesticada”. Há ainda, segundo a autora, uma confusão entre história e memória, história-objeto, história conhecimento, vivido e operação intelectual, entre o que é ser historiador e *history maker*.

Os fatos, apresentados como históricos, são colocados ao historiador a partir de uma exterioridade desvinculada dos percursos epistemológicos e metodológicos do

¹³ THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade: uma teoria social da mídia*. São Paulo: Vozes, 2004. p. 13.

¹⁴ Ferreira, Marieta. *História, tempo presente e história oral*. Rio de Janeiro, Topoi, dezembro de 2002, pp 314-332.



fazer historiográfico. Não é por acaso que sobejam obras históricas elaboradas por não historiadores. Jornalistas, sociólogos, advogados passeiam pelos campos da história embalados pelo furor da produção de fontes; outra característica desse momento pois nunca foi tão abundante a produção de registros. É o vivido que se impõe à escrita da história. Um presente que quer se tornar histórico em seu próprio tempo, uma vez que o imediato é quase alçado à categoria de história no momento de sua constituição.

Esse evento tem a contribuição da mídia em um duplo sentido: primeiro porque divulga uma argumentação histórica, não somente como elemento subtendido mas sistematizado que perpassa suas notícias. Segundo, porque esta busca desenfreada por novas informações, contraditoriamente, parece ter produzido um afastamento cada vez maior do passado, o que talvez justificasse essa sede de história.

A mídia hoje ajuda a elaborar uma idéia de acontecimento que é pensado no momento de sua efetivação como histórico. Contudo, é necessário que percebamos que, assim como, os historiadores positivistas, apesar de todas as pretensões científicas, jamais alcançaram o acontecimento puro, e “real”, uma vez que o próprio real em si já não mais existia, agora também esse acontecimento midiático se faz mediado por uma série de conformações. Imprensa, rádio, televisão e Internet, são suas próprias condições de existência. Aqui é importante chamarmos atenção que “a publicidade forma sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se fale deles.”¹⁵ O fato de terem acontecido não os torna histórico, para tanto, é necessário que eles sejam reconhecidos enquanto tal e isso implica a informação que se elabora sobre eles.

Outra questão a ser refletida é que tais acontecimentos se estruturam tendo em vista a formação de uma opinião pública. Lembremos os efeitos das pesquisas de opinião tão comuns em nossas sociedades. O conceito de opinião pública e a construção de uma “esfera pública” trazem como consequência imediata a formação de comunidades de consumidores de produtos simbólicos.

Hoje, acostumamo-nos a assistir ao acontecimento espetáculo elaborado a partir da palavra, do som e da imagem o que estimulou em nossa sociedade uma verdadeira fome por novidades fazendo com que alguns meios de comunicação se tornassem verdadeiras fábricas de produção de acontecimentos. Conceitos de verdade e ficção misturam-se em um mundo de ansiedades nunca saciadas. Em certo sentido, esses acontecimentos assombram e se impõem ao historiador que há pouco tempo

¹⁵ Nora, Pierre. O Retorno do Fato in NORA & LÊ GOFF. Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.



acabara de se livrar da submissão aos fatos históricos imposta pela escola histórica metódica do século XIX. Novamente, coloca-se em questão a problemática da narrativa histórica.

Os acontecimentos vinculados pelos meios de comunicação são também práticas discursivas e narrativas que modelam e representam a realidade sob um dado olhar. Porém, a forma sob a qual estes elementos são apresentados, ou melhor dizendo, representados, interpretados, analisados e julgados está ligada ao tipo de narrativa ou explicação construída sobre eles. Nestes termos, a elaboração de um discurso sobre um fato é, em si, a tentativa de construção de significados, em um contexto que parece ter perdido o próprio sentido da História como afirma Bodei¹⁶.

Esse acontecimento sem historiador é também um espaço muito movediço no qual caminham lado-a-lado a manipulação de informações, a omissão e a construção de perspectivas dos acontecimentos muitas vezes deliberadamente enganosas. Porém, mesmo esta aparente ditadura da informação midiática sobre as pessoas não ocorre sem a interferência de quem recebe tais informações. Não dá para compreender o conteúdo informado sem aqueles que o recebem e reelaboram tal informação. Mas não se pode negar também que o processo de superinformação modificou nossos suportes de memória que deixaram de se localizar nos indivíduos e grupos e passaram também a se situar na virtualidade das informações. Uma notícia de jornal tanto pode se constituir um lugar de memória como de produção de história.

Ao que parece, a contemporaneidade nos colocou quase em um eterno presente. Não há tempo para lembrar pois o presente consome todas as nossas sensações, e perspectivas futuras. Como afirma Bodei¹⁷ “com a progressiva aceleração do tempo histórico, o passado não consegue mais se coagular em experiência adequada ao presente, e o futuro, (...) torna-se não apenas difícil de prever, mas até de imaginar”.

O surgimento da imprensa no século XVII, e sua popularização no século XIX, foi um evento significativo para a divulgação de idéias, porque trouxe um novo tipo de informação ao criar uma regularidade de publicações uma vez que, como afirmam Burke e Briggs¹⁸, já no século XVII, “ao contrário do panfleto, apareciam em intervalos regulares, normalmente uma ou duas vezes por semana; costumavam

¹⁶ BODEI, Remo. *A História tem um Sentido?*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2001.

¹⁷ Bodei, Remo. *Livro da Memória e da Esperança*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2004. p. 11.

¹⁸ Burke, Peter & Briggs, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 95.



ter edições numeradas, de modo que os leitores podiam saber se tinham perdido algum exemplar”. Tal elemento introduzia no cotidiano dessas sociedades não somente uma nova distribuição de informação, mas alterava noções de temporalidade e espacialidade.

Com a construção de uma esfera pública e a conseqüente formação de comunidades de consumidores de bens culturais, elaboram-se campos específicos para a produção simbólica, sendo o próprio jornalismo um desses campos¹⁹. A percepção de que havia um público a ser atingido, tornou-se fundamental na abrangência das mídias modernas, sobretudo, naquilo que Bourdieu define como mercantilização das formas simbólicas.

Esta esfera pública servia à difusão de informações políticas, atitudes e valores compartilhados em determinadas classes ou grupos sociais e, em torno dela, estabelecia-se um constante espaço de disputa, de lutas simbólicas²⁰ entre grupos que concorriam pelo controle de informações.

Mas, além dessas disputas, os meios de comunicação elaboraram uma narrativa própria para o mundo urbano contemporâneo, reconstruindo-o a partir da definição de novos signos e significados. A imprensa desenha com todas as cores acontecimentos, sensações e temporalidades. “Mesmo onde não foram destruídos os centros históricos, as praças, os lugares que manifestavam viva a memória”, as cidades e os espaços agora são vistos e narrados pela imprensa, pelo rádio e pela televisão, como sendo “um tumulto heterogêneo e disperso de signos de identificação e referências”, que parece se apresentar como “um espetáculo reconfortante”²¹ no qual o homem moderno parece ter conformado a construção de sua própria historicidade à produção midiática.

“Na segunda metade do século XX, quando a concentração demográfica e a expansão territorial das megacidades debilitaram a conexão entre suas partes e, ao mesmo tempo, as redes comunicacionais levam a informação e o entretenimento aos domicílios, os usos das cidades são reorganizados (...) a cidades convertem-se em metáfora da sociedade de informação.”²²

¹⁹ (BOURDIEU, Pierre A Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Editora Perspectivas, 1992.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

²¹ CANCLINI, Néstor Garcia. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Campinas, Revista Opinião Pública, vol VIII, no. 1, 2002.pp. 40-53.

²² Idem

A imprensa jornalística foi a primeira mídia a informar diretamente sobre a organização das cidades modernas, ajudando a formar, como dissemos anteriormente, uma esfera pública e, “embora a maioria dos jornais tenha uma relação preferencial com a cidade em que são produzidos, o conjunto de suas informações mostra uma articulação complexa entre o local, o nacional e o internacional”²³, contribuindo para criação de imagens que misturam espaços, eventos, temporalidade em uma narrativa dinâmica centrada no evento facilmente assimilado por aqueles que os lêem, “prolongando estereótipos formados historicamente. Os relatos diários mudam, mas permanece uma estrutura discursiva”.²⁴.

O campo jornalístico percebe sua atuação não somente como narrador de eventos uma vez que o que “busca é a notícia, o fato comprovado, relevante e novo” (**Manual de Redação da Folha de São Paulo**), mas também assume, como uma de suas tarefas, a difusão de conhecimento histórico. Vejamos o depoimento do jornalista Samuel Wainer à Folha de São Paulo 14/01/1979:

“A imprensa no Brasil é uma fonte para a História do País, das mais importantes. Talvez não exista em outros países, ou em poucos outros países existirá uma fonte com essa riqueza. Porque em verdade ao povo brasileiro sempre faltou acesso a outras fontes de informação (...) O jornal é um instrumento de informação e de orientação.”

Garcia Canclini²⁵ destaca que tais relatos ajudam a imaginar uma sociabilidade que quer se apresentar sob o viés de uma homogeneidade. A mídia acaba criando comunidades que se vinculam a partir de determinada lógica organizativa. Para o autor, essas comunidades acabam por substituir aquelas tradicionais. Nesse processo de construção de comunidades que poderíamos definir como midiáticas há uma reterritorialização a partir dos meios de comunicação. Novos lugares são elaborados a partir de elementos de subjetividade e intertextualidade. “As cidades da era da vídeo-cultura ou do ciberespaço são situadas em um âmbito incomensurável, em um conjunto de redes e fluxos existentes tanto no mundo físico como no mental”²⁶

Para Canclini, a formação das grandes periferias nos centros urbanos modernos fez com que seus habitantes perdessem os limites de seu próprio território assim como de temporalidade. A urbanização e a desurbanização de muitos lugares, que

²³ Idem: 44

²⁴ Id. 45

²⁵ Idem

²⁶ (idem: 44)



deixaram de ser tomados como suportes de memória, colocou em cena a atuação dos meios de comunicação na mediação de novas categorias, agora equilibradas a partir dos relatos midiáticos.

Difunde-se o ideal de um dado real e verdadeiro a ser relatado. O jornalista deve se “limitar” a apresentar os fatos ao leitor:

“Nunca esqueça de que o jornalista funciona como **intermediário** entre o fato ou fonte de informação e o leitor (...) Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles suas próprias conclusões” (**Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo: 2005**)

Pierre Nora²⁷ destaca que o acontecimento emerge amparado por uma grande rede de sistemas de comunicação, que coloca em evidência algo muito parecido com o ideário do fato positivista. Este acontecimento midiático se apresenta como o evento indomável “porque a redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente o novo, alimenta uma fome de acontecimento”²⁸.

É possível inferirmos que, ao trabalharem com categorias próprias da narrativa histórica, estes mecanismos podem interferir também no campo de produção historiográfica, pois os “intelectuais-jornalistas”²⁹, ajudam a construir mecanismos que influenciam diretamente nos demais campos simbólicos, sejam eles, jurídicos, político, artístico ou intelectual. Vejamos a Folha de São Paulo citando Tucídides:

“... Sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador, ou sobre os quais tive informações seguras’ (...) A citação de Tucídides, o modelador historiador grego, traduz, por si só, o sentido do que abaixo vai transcrito. Se a missão dos jornais é a de formar opinião, não é menos importante sua natureza de documento histórico (...)” (FOLHA DE SÃO PAULO: 5/03/1978)

Essa citação demonstra como o jornal utiliza argumentos do campo da ciência Histórica para construir a legitimidade de seu discurso, como se o regime de inteligibilidade, emprestado pela citação do historiador, concedesse-lhe também o mesmo estatuto. Por outro lado, o jornal também ressalta seu valor como documento histórico o que, segundo ele “oferece o necessário termo de comparação ao leitor e ao historiador” (Idem). Importante notar que ele se apresenta como mediador entre leigos e

²⁷ Nora, Pierre. Op. Cit. 1995.

²⁸ (idem: 183)

²⁹ Pierre, Bourdieu. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

especialistas, abordando questões sobre o próprio caráter de constituição epistemológica da história.

Segundo Bourdieu³⁰, o campo jornalístico se constitui no século XIX, em torno da discussão entre notícia e opinião e, nesse sentido, esse era o “lugar de uma oposição de duas lógicas e dois princípios de legitimação”: “o reconhecimento pelos seus pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os ‘valores’ ou princípios internos e o reconhecimento pela maioria”. Como podemos perceber na fala do jornalista, Odylo Costa Filho, em entrevista à **Folha**: “um jornal que fosse indispensável tanto para a empregada doméstica quanto para a patroa” (**Folha de São Paulo**, 11/01/1979).

Deparamo-nos aqui com um universo de transformações que alteraram de maneira muito rápida nossas relações com o passado, a lembrança e o esquecimento. Cabe-nos inquiri como os elementos aqui apresentados formam o complexo amalgama de um sentido histórico contemporâneo. A resposta a essa questão que, certamente ainda será dada e refeita um sem número de vezes, poderá nos servir para compreender nosso próprio tempo, tanto nos termos de pensamento do homem comum em sua relação com o passado, como da própria escrita da história. Aqui, achamos relevante mencionar uma pergunta posta por Remo Bodei³¹: “por que se esquece ou se renega, repentinamente o próprio passado?”

A esta pergunta o autor enumera um conjunto de respostas o que já demonstra a própria complexidade de se pensar a história em nossos dias. Isto porque, ao pensá-la, temos que dá conta de um universo de dimensões bastante díspares que engloba desde elementos relacionados à memória, ensino da história, texto histórico, sentidos e sensações sobre o tempo. Em nosso caso específico propomos nos debruçar sobre um objeto que nos possibilitará visualizarmos parte desses elementos, sem deixamos de considerar sua própria especificidade, como mencionamos anteriormente.

Ao refletirmos sobre as relações entre história e mídia pretendemos identificar os elementos gerais da consciência histórica contemporânea procurando compreender, dessa forma, qual o lugar da mídia na construção de um sentido histórico, ao mesmo tempo como ela efetiva esses elementos nas notícias e informações vinculadas em suas narrativas. Por outro lado, entender como tais elementos podem se constituir em suportes de memória e esquecimento para a sociedade contemporânea.

³⁰ Idem. pp. 104, 105

³¹ Bodei, Remo (2004) op. Cit. p. 44



Como se articulam noções de verdade, ficção e objetividade na construção dos acontecimentos midiáticos e como estes são apropriados/criticados pela história? Em que medida a imprensa utiliza os suportes historiográficos na construção de suas notícias? Como tais suportes tornam-se elementos de uma memória histórica contemporânea a partir da narrativa midiática?

Para voltamos ao historiador Eric Hobsbawm, que citamos no começo, pensemos em uma de suas obras mais famosas: a coletânea de livros que sintetiza as quatro grandes eras da contemporaneidade: A Era das Revoluções, A Era do Capital, A Era dos Impérios e, por fim, A Era dos Extremos. Nos três primeiros, logo no de início é possível estabelecermos uma imediata relação de inteligibilidade sobre o que representa cada uma das Eras. Mas o último nos abre uma absoluta incerteza sobre o que caracterizaria esse século. Ao observamos suas capas percebemos que o autor procurou colocar uma imagem que também tornasse possível uma síntese visual de cada momento. Contudo, a respeito do “breve século XX”, são-nos apresentada uma profusão de imagens que parecem não caber no pequeno espaço. Ao invés de quadros de pintores, como nos demais, vemos fotografias.

Apesar de não estarmos representados diretamente em nenhuma delas, todas nos são familiares, não somente a nós, historiadores, mas, muito provavelmente, a boa parte das pessoas que viveram esse século, como se tivéssemos feito parte de cada um desses eventos. Isso porque, foram insistentemente repetidas pelos meios de comunicação, tornando-se parte de nossa memória. Uma imagem pode, entretanto, senão sintetizar, ao menos estabelecer um elo de ligação entre elas: Na parte central da capa, vemos uma família em frente a um antigo aparelho de tv, como se assistisse o breve século passar a sua frente.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO/HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BARBOSA, Marialva. *Como se escreve a história da imprensa?*. Florianópolis: Anais do II Enc. Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 15 a 17 de abril de 2004. Cap no site <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/index.htm>. 28/8/2004

_____. *O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira*. no Endereço <http://www.uff.br/mestcii/marial6.htm>: Revista Eletrônica Ciberlegenda, no. 7, 2002, cap. no dia 12/09/05.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.



- BODEI, Remo. *A História tem um Sentido?*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2001.
- _____. *Livro da Memória e da Esperança*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectivas, 1992.
- _____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BURKE, Peter & Briggs, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa* in A Escrita da História – novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CAMARGO, Anna Cristina. *“Liberdade é uma calça velha azul e desbotada” – Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964)*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Campinas, Revista Opinião Pública, vol VIII, no. 1, 2002. pp. 40-53.
- CATROGA, Fernando. *Memória e História* in PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *A Invenção do cotidiano – artes de fazer*. vol 1, São Paulo: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger, *O Mundo Como Representação*. Estudos Avançados, Número 11, v. 5, 1991.
- _____. *À beira da Falésia. História entre Incerteza e Inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2002.
- _____. *A História Hoje: dúvidas desafios, propostas*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol 7, no, 13. 1991, p. 97-113.
- CHAUVEAU. A e TÉTARD. Ph. *Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França Revolucionária*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. *Edição e sedição*. São Paulo: Cia das letras, 1992.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FALCON, Francisco J. C. *A Identidade do Historiador*. Rev. Estudos Históricos – Historiografia, no. 17 Rio de Janeiro. 1996.1.
- _____. *História Cultural. Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do Tempo Presente: desafios*. Rev. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, No. 3, pp. 111 – 124, maio/junho, 2000.
- _____. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- _____. *História, tempo presente e história oral*. Rio de Janeiro, Topoi, dezembro de 2002, pp 314-332.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Mitos, emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.



- HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *A Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- MALERBA, Jurandir. *A Velha História. Teoria, Método e Historiografia*. Campinas – São Paulo: Editora Papirus, 1996.
- _____. *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MASTROGREGORI, Massimo. *Historiografia e tradição das lembranças*. In MALERBA. *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MITRE, Antônio. *O Dilema do Centauro. Ensaios de Teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.
- NORA, Pierre & LE GOFF, Jacques *Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- NORA, Pierre. *O Retorno do Fato* in NORA & LÊ GOFF. *Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. *Entre Memória e História – a problemática dos lugares*. São Paulo, Rev. Projeto História/PUC vol. 10, 1993.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira – cultura Brasileira e Indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2001
- _____. *História e Teoria – Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Mídia e História: ambigüidades e paradoxos*. Cap. da Internet no end. <http://www.intercom.org.br/paper/xxi-cilgt23/gt2306.pdf>, em 03/09/05
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papirus Editora, 1997.
- RIOUX, J.-P. *Entre o Jornalismo e a História*. in *Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001.
- _____. *Historiografia Comparativa Intercultural* in MALERBA. *A História Escrita*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- SILVA, Sônia Maria de Meneses. *AS Chaves da Cidade: civilização e violência na construção urbana de Fortaleza na segunda metade do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2000.
- THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade: uma teoria social da mídia*. São Paulo: Vozes, 2004.